



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MAMADÚ CISSÉ

A EMIGRAÇÃO NO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MAMADÚ CISSÉ

A EMIGRAÇÃO NO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU

Esboço do projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades no curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês-BA.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Mércia Guilherme Vitorino.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MAMADÚ CISSÉ

A EMIGRAÇÃO NO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU

Esboço do projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades no curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês-BA.

Data de aprovação: 05/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Juliana Mércia Guilherme Vitorino

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Enzo Lenine Nunes Batista Oliveira Lima

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	10
3	DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	13
4	OBJETIVOS	14
4.1	OBJETIVO GERAL	14
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
5	REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1	OS CONCEITOS E TEORIAS: DAS CLÁSSICAS À NEOCLÁSSICAS, PASSANDO PELOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS	17
6	METODOLOGIA	20
7	HIPÓTESES	21
8	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau, oficialmente República da Guiné-Bissau, é um país africano de língua oficial portuguesa, tendo crioulo guineense como língua nacional e várias outras línguas pertencentes aos diversos grupos etnolinguísticos pertencentes a este país situado na África Ocidental, tendo ao Norte a vizinha República senegalesa e ao Sul e Leste a Guiné-Conacri como suas adjacências e limítrofes territoriais, sendo que toda sua costa Oeste é abrangida pelo Oceano Atlântico.

Com pouco mais de dois milhões de habitantes (ONU; Country Meters, 2019) compreendidos numa extensão territorial de 36.125 Km², a atual Guiné-Bissau era parte do antigo império colonial ultramarino do então estado imperialista português. Depois dos primeiros contatos com a armada do navegador português, Nuno Tristão em 1446, a colonização do litoral teve início em 1558 com a elevação do Cacheu à estatuto da vila, sendo que o território passou a ser denominado da Guiné-Portuguesa a partir do século XVII mediante a instituição da Capitania-Geral¹; iniciando, desta forma, a colonização pelo interior do país no século XIX², que anos depois viria a ser combatido pelos movimentos políticos.

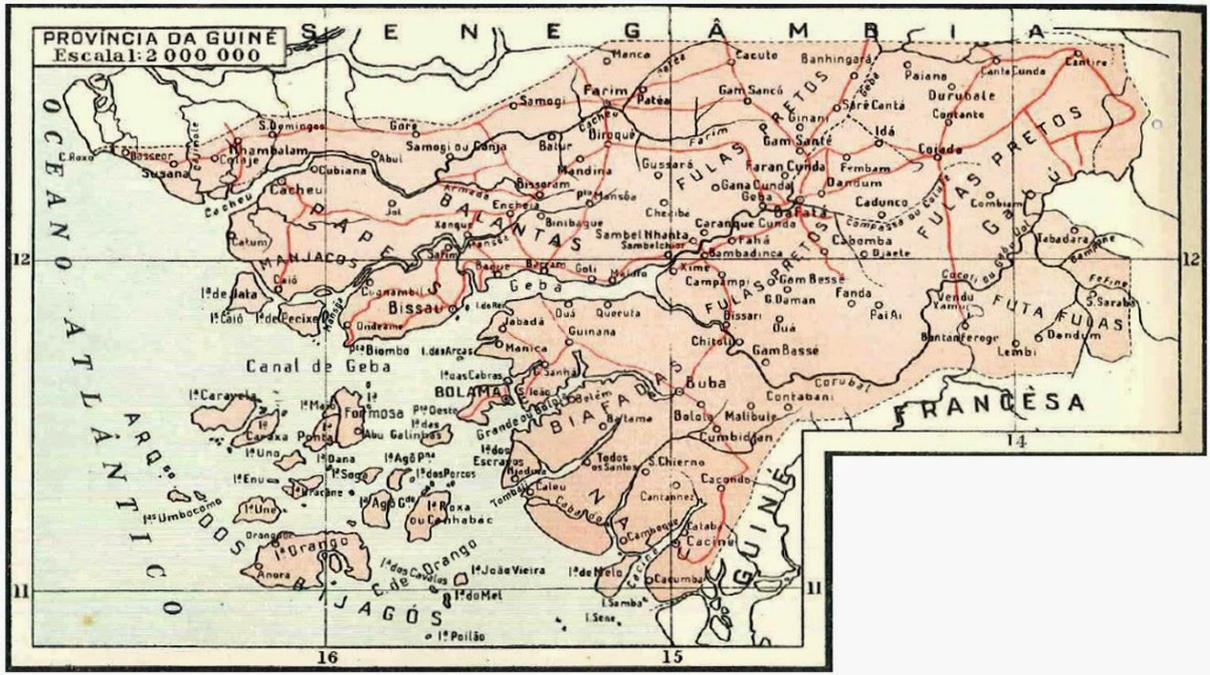
Para Ângela Coutinho (2012), citando fontes oficiais, o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde (PAIGC) – grupo político de maior protagonismo dentre os percussores das reivindicações e lutas visando a independência do país – seria fundado na clandestinidade em Bissau, a 19 de setembro de 1956 pelos seguintes militantes: Amílcar Cabral, Luís Cabral, Elysée Turpin (os três da nacionalidade guineense), Aristides Pereira, Fernando Fortes, e Júlio Almeida, sendo os três últimos da nacionalidade cabo-verdiana. Em 1963, iniciaram-se as lutas armadas dirigidas pelo Amílcar Lopes Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, Nino Vieira etc. visando a independência total dos dois países algo que acabou chegando 10 anos depois, para a Guiné-Bissau, concretamente em 24 de setembro de 1973 com a proclamação oficial, sendo que o consequente reconhecimento por

¹ Capitania-geral é a denominação dada as divisões administrativas dos antigos territórios ultramarinos do Império Português e Espanhol, à frente dos quais estava um capitão-general. No caso Português ela foi instituída pelas reformas do governo do Marquês de Pombal.

² Para mais aprofundamento acerca da história do país, vide: SIA, Isna Gabriel. Breve contextualização e panorama histórico da Guiné-Bissau, cap. I. In: Danças do Povo Brasa [...]. Novas Edições Acadêmicas, 2017. Disponível na biblioteca da UNILAB, campus dos Malês SFC-BA (número de chamada: 793.3 S565d); AUGEL, Moema Parente. O contexto geográfico, histórico e social, cap. II. In: O desafio do escombros [...]. Garamond, 2007. Disponível na biblioteca da UNILAB, campus dos Malês SFC-BA (número de chamada: 869 A931d).

parte do governo português chegaria um ano depois, nomeadamente em 10 de setembro de 1974. No caso cabo-verdiano, a independência foi proclamada a 05 de julho de 1975.

Mapa 1 - Mapa da antiga província da guiné-portuguesa



Fonte: Luís Graça & Camaradas da Guiné (novembro de 2014).

Mapa 2 - Mapa oficial da Guiné-Bissau atual



Fonte: UNIOGBIS (junho de 2012).

Em seguida, o país esteve durante 17 anos sob a governação de um partido único, orientado por ideologias marxistas, que já tinha desencadeado a luta pela independência dos dois países – PAIGC – período este que chegou ao seu fim com a adoção do regime democrático/multipartidarista em 1991, culminado com as primeiras eleições democráticas, realizadas em 1994³.

Consequentemente, esta inserção meio que conturbada/forçada à democracia, nunca trouxe uma verdadeira estabilidade na gestão governamental do país, tanto que até hoje nenhum governo conseguiu terminar sua legislatura, ora interrompida por crises políticas causadas pelas incompatibilidades, ausências de convergência ou confiança política entre os principais órgãos da soberania, falta de consensos parlamentares, às vezes também por golpes de estado. Como mostra o professor Santos Fernandes (2017, p. 86):

[...] para terem em consideração que, volvidos mais de 20 anos de transição democrática, nenhum desses líderes políticos (e a entourage) conseguiu conservar o seu mandato, durante pelo menos uma única legislatura, por inúmeras razões, desde golpes de Estado, Assassinatos políticos, corrupção, nepotismo, clientelismo, entres outros males que ainda afligem a sociedade política guineense, em particular, e sociedade em geral.

Como resultado disto tudo, sempre acabam se formando governos com bases fracas para levar a cabo o almejado programa de desenvolvimento nacional. Para corroborar com esta tese, podemos recorrer à Laranjeiro (2014), citando uma entrevista concedida pela Francisca Pereira (2013), onde indica que o partido [PAIGC] tinha dois programas: o programa menor que era lutar contra o colonialismo, objetivando a libertação do país e em sequência cabia-se cumprir o programa maior que dizia respeito ao desenvolvimento socioeconómico do país e o estabelecimento dos pressupostos para a afirmação e consolidação de um Estado democrático.

Estes governos não conseguem dar conta das demandas feitas pela população; e a sociedade, por sua vez, devido às incertezas transmitidas pelos sucessivos governos acaba colocando em causa a efetividade e a importância da democracia no cenário local. Foi em meio à esta conjuntura social que este estudo surge para tentar compreender a relação entre as políticas de governação, o contexto socio-histórico e sua interferência nas emigrações, tanto interna quanto externas.

³ Sobre a conjuntura política e democrática da Guiné-Bissau, vide: FERNANDES, Santos. In: As lideranças na Guiné-Bissau: avanços e recuos [...] 2017.

Seguindo esta linha de raciocínio, podemos presumir a existência de condicionantes entre a emigração guineense, condicionantes socioculturais e o desenvolvimento, na medida que este último se dá de forma desigual. Neste sentido, a mobilidade humana tende a ser influenciada, em parte e não na sua totalidade, pela busca de zonas em que possa existir fluxos mais altos do desenvolvimento:

Assim, quando aqui falamos de desenvolvimento, referimo-nos ao conjunto dos processos de recomposição socioeconómica, geograficamente diferenciada, induzidos pela expansão e aprofundamento do modo de produção capitalista. [...] Consequentemente, o que está em causa, segundo esta abordagem ao “nexo migrações-desenvolvimento”, são as relações causais que se estabelecem entre os fluxos migratórios e os processos de recomposição social, mercadorização e diferenciação de classes acima referidos”. (ABREU, Alexandre, 2012, p.11).

A contextualização histórica acima descrita se torna importante, na medida em que nos possibilita lançar olhares sobre objeto principal que se encontra em análise neste trabalho – processo emigratório guineense – uma vez que se pode notar desde os primórdios um fluxo migratório muito ativo entre a Guiné-Bissau e Cabo-Verde, inclusive no momento da fundação do PAIGC, partido político mais influente para a autodeterminação dos dois povos, “[...] podemos constatar que metade dos fundadores nasceu na Guiné e a outra metade em Cabo Verde” que no momento da fundação do partido estavam na Guiné-Bissau como emigrantes cabo-verdianos”. (COUTINHO, 2012, p. 5).

Ainda segundo a mesma autora, é perceptível que os traços da emigração inter-regional entre Guiné-Bissau e Cabo-Verde ou vice-versa não teve sua origem hoje, mas sim este fenômeno já vinha de muito tempo atrás.

Ora, sabemos que dois destes três guineenses, os irmãos Cabral, passaram uma boa parte da infância e toda a adolescência em Cabo Verde, nas ilhas de Santiago e S. Vicente. Sendo originários da Guiné, tiveram também uma vivência cabo-verdiana, mais ainda, provinham de uma emigração cabo-verdiana recente na Guiné. (COUTINHO, 2012, p. 6).

O mesmo argumento foi defendido por Cláudio Alves Furtado quando citado pela Ângela.

[...] entre as correntes migratórias para o continente africano, a que se dirigia para a Guiné-Bissau era das mais antigas e que as ligações históricas entre os dois territórios explicam este fenômeno. Assim, havia não somente comerciantes cabo-verdianos na costa da Guiné desde o início dos contatos portugueses na região, na primeira metade do século XV, mas também funcionários públicos, [...]. (FURTADO, 1993, p. 73 apud COUTINHO, 2012, p. 6).

Perante estes argumentos, podemos constatar que segundo os estudos pós-coloniais deste campo, os processos migratórios já deixaram de ser exclusivamente motivados e ou condicionados por uma possível expectativa de aumento da qualidade de vida (fatores ligados a economia, educação, saúde, lazer, etc.) ou por uma suposta garantia da segurança social e pessoal, nem tampouco se limitam só na procura de satisfação de serviços básicos e essenciais pautados num viés mais materialista, como se pode ver que “até aos finais do séc. XIX as análises com justificativas econômicas (clássica e neoclássicas) eram predominantes nos estudos da mobilidade populacional”, Rocha-Trindade (1995) citada pela LIMA, A. K. (2012, p. 165). Estes dois argumentos constituirão o principal debate na oportunidade da nossa fundamentação teórica.

No entanto, ainda para estas autoras, as grandes teorias do campo social se estabeleceram e passou-se a estudar os aspectos estruturais associados ao deslocamento, que contribuíram essencialmente com teses de que a mobilidade também é incentivada por vários outros fatores que são de ordem subjetivo e provenientes de laços sociais, familiares que "está enraizada em fatores socioeconômicos, políticos e histórico-culturais que tiveram sérios impactos na migração inter-regional de trabalhadores transfronteiriços, profissionais, comerciantes do sexo feminino, trabalhadores clandestinos e refugiados". (ADEPOJU, 2009, p. 18 apud VICENTE ROCHA, 2013, p. 14, tradução nossa).

Observando estes elementos, o presente projeto de pesquisa visa ser a orientação de um futuro trabalho a ser desenvolvido com mais fôlego na fase da licenciatura, para isso, pretendemos formular uma compreensão aproximada para a inquietação que motivou a produção deste trabalho que diz respeito a tentativa de compreender a emigração guineense enquanto um fenómeno social que transcende as fronteiras do país.

Outrossim, a compreensão das motivações da emigração guineense e suas transformações diante do cenário regional africano, sem descurar os operadores históricos, sociopolíticos e seus impactos para a relação do push-pull (atração e repulsão), representam as principais metas no horizonte do desenvolvimento deste trabalho.

Perante os objetivos acima traçados, pretende-se colocar em pauta uma discussão no campo de estudo da sociologia das migrações que, num primeiro momento, leve em conta os estudos clássicos e neoclássicos precursoras deste campo de estudo das Ciências Sociais; e posteriormente, já num segundo momento, a primeira análise será permeada por um suporte teórico fundamentado nas teorias pós-coloniais. Finalmente, almejamos contribuir na formulação de novos aportes epistemológicos para incrementar novas discussões aos estudos da emigração no contexto guineense e africano.

Para tal, serviremos de métodos qualitativos para dar suporte as buscas bibliográficas, documentais e outras referências teóricas ligadas a esta temática, sem, no entanto, dispensar a pesquisa, análise e utilização de outras produções de caráter quantitativo.

Em síntese, espera-se que mediante a atualidade e demanda dos debates a cerca das emigrações, este trabalho será essencial para este campo de estudo no contexto guineense, que como expomos, o debate ainda carece de uma maior profundidade.

2 JUSTIFICATIVA

Partindo da histórico que constitui a trajetória das tradicionais grandes ondas de movimentos migratórios na costa Oeste do continente africano (CEDEAO; ICMPD; OIM, 2016, prefácio n.p.) – tanto as mobilidades internas nos países, quanto pelos deslocamentos das populações a nível transfronteiriço, entre os diferentes países – somado ao ponto da situação em que se encontra este debate no meu país – Guiné-Bissau, me senti instigado a aprofundar a compreensão da migração enquanto fenômeno social dinamizador da distribuição espacial dos aglomerados humanos e mobilidade das massas populacionais.

Este projeto também se justifica partindo das observações em ver sempre uma grande onda de deslocamentos externos no país, principalmente da população jovem, algo que não pode deixar de constituir uma grande preocupação visto que é a faixa etária que está sendo associada como principal trunfo que o continente e os países africanos têm de potencial para capitalizar seu desenvolvimento socioeconômico.

Nesta ótica, embora se tem a consciência de que as migrações são fenômenos sociais intrínsecos ao ser humano, logo incontrolláveis por um certo estado, sempre constituiu uma preocupação constatar a grande evasão de recursos humanos e falta de aproveitamento que a juventude está tendo na sociedade guineense, porque mesmo indo ao exterior por motivos de estudos e qualificação profissional, a maior parte deste contingente e talvez a mais qualificada desta mão de obra, geralmente acaba sendo retida nestes países de destino.

Como se pode ver no texto da apresentação da Carta da Juventude Africana, adotada em 2006 com 38 ratificações até junho de 2017, um documento pensado pela UA (União Africana) na perspectiva de dinamizar o desenvolvimento do continente a partir da sua juventude; nota-se uma preocupação primordial em reter a juventude como força motriz das reformas que os países estão precisando, para esta organização continental:

A África tem a população mais jovem do mundo, com mais de 400 milhões de jovens entre 15 e 35 anos. Uma população tão jovem exige um aumento do investimento em fatores de desenvolvimento econômico e social, a fim de melhorar o índice de desenvolvimento das nações africanas. A UA desenvolveu várias políticas e programas de desenvolvimento juvenil a nível continental, com vista a assegurar que o continente beneficie do seu dividendo demográfico. As políticas incluem a Carta da Juventude Africana, o Plano de Ação da Década da Juventude e a Decisão de Malabo sobre o Empoderamento da Juventude, todos implementados através de vários programas da Agenda 2063 da UA.

Quanto aos aspectos cronológicos, a análise dos movimentos populacionais entre 1994 a 2018, justifica-se por ser o marco da democratização política na Guiné-Bissau, algo que acabou provocando um pouco mais de transparência e vigilância na gestão pública, visto que começaram a consolidar-se as forças políticas da oposição. Este fato também criou o processo da liberalização sobre as movimentações das pessoas, com isso abriu-se mais chances das pessoas se ingressarem nas esferas da vida política e também no exercício da gestão pública.

Na decorrência desse processo, aumentou-se a procura por uma formação superior no exterior, uma vez que a maior parte da população jovem via mais opções e oportunidades em estudar no estrangeiro, isto sem contar a pouca quantidade das vagas e da qualidade da formação oferecida pelas escassas instituições de ensino superior presentes no país.

A temática das emigrações tem sido um dos assuntos mais discutidos no âmbito dos debates transnacionais na Sociologia, essencialmente quando o assunto é ligado a deslocação das massas para fora do seu território nacional. Estes acontecimentos têm sido verificados um pouco por todo mundo e dependendo da região e fatores os números também têm variado de acordo com estes marcadores.

No entanto, este fenômeno e os debates em voga sempre foram pautados por uma “retórica alarmista” que tendem a centralizá-las no vetor único que é o movimento característico do Sul para o Norte global, ignorando sobretudo os polos migratórios do Sul global e nomeadamente em África, sendo que nos focaremos em enfatizar o recorte espacial da Guiné-Bissau.

De acordo com artigo publicado na Revista de Estudos Internacionais, sobre migrações e teorias pós-coloniais: “A migração sul-sul também tem aparecido como novo padrão nos deslocamentos. Em 2015, 37% dos deslocamentos foram feitos entre países do chamado sul global [...]” (ALIBIO; VITORINO; LIMA, 2017, p. 36).

Em decorrência destes dados, é interessante apontar que a tendência indicada no trecho do artigo citado acima foi reforçada, dois anos depois, por um estudo conjunto publicado pela agência da ONU para Alimentação e Agricultura (FAO) e pelo Centro de Pesquisa Agrícola para o Desenvolvimento (CIRAD) em novembro de 2017. Para estas entidades, 14% dos 258

milhões de migrantes registrados em 2017 por todo o mundo, são africanos. Porém, estas mobilidades não funcionam como sempre acreditamos, uma vez que normalmente costuma-se postular que os fluxos entre a África e a Europa ou América do Norte são a única ou maior volume, tese que foi derrubada por terra pelo referido estudo, apontando que 75% dos 36 milhões de pessoas que mudaram de ar na África subsaariana permaneceram dentro do continente.

Ainda a respeito da emigração entre os países africanos, o estudo sobre políticas públicas voltadas para a área das migrações no espaço territorial da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) aponta que:

A migração na África Ocidental faz parte da sua história, cultura e do seu dia-a-dia. Atualmente oitenta e quatro por cento dos fluxos migratórios têm lugar dentro da região e contribuem assim para a integração regional e para reforçar ainda mais a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Esta migração sul-sul é sete vezes maior do que os fluxos migratórios de países do Oeste Africano para outras partes do mundo. (CEDEAO, 2016, p. 4).

A ausência de informações e estudos específicos no campo das mobilidades realizadas pela população guineense, somados à inexistência de políticas públicas acerca das emigrações na Guiné-Bissau (vide survey on migration policies da CEDEAO, 2016)⁴ constituíram um dos motivos relevantes para a elaboração deste trabalho, visando contribuir para os estudos deste campo, sendo que os bastidores dos debates ligados a securitização da temática das migrações e as mídias têm dados mais atenção aos fluxos migratórios que envolvem as rotas do ocidente, particularmente as que se dirigem do sul global: África, América Latina e etc., para o norte global: Europa, EUA e etc.

Assim, nesta pesquisa, enfatizaremos uma análise de caso, tendo como objeto de estudo a Guiné-Bissau e a sua inserção nas migrações africanas, justamente por entendermos que os estudos feitos a partir de vieses que delimitam uma análise ampla não têm conseguido dar conta das especificidades que a análise de um problema tão peculiar, complexo e transversal, como esta, apresenta no caso da Guiné-Bissau. Por conta disso, acabam predominando as retóricas alarmistas do senso comum aos quais já fizemos referência, mostrando que a suposta “febre emigratória” da África para Europa, na verdade, não passa de um mito que predomina

⁴ Segundo este estudo, os fatos apontam que: “Existem poucas informações sobre a imigração na Guiné-Bissau. A documentação existente não faz referência ao tema, o que tende a justificar a ideia de que se trata de um fenómeno limitado.” (CEDEAO; ICMPD; OIM, 2016, p. 90). Mais à frente, já na página 94, o mesmo survey traz indicações ainda mais preocupantes, no sentido de que: “A Guiné-Bissau não possui uma política de migração vigente, embora esteja a planear desenvolver uma.”

o atual debate acerca das migrações, ao qual este trabalho visa acrescentar outros pontos de vista que veem, justamente, problematizar o status quo destas discussões.

O projeto também se fundamenta na premissa de que a emigração é um fenômeno social intrinsecamente ligada a outros fatores subjetivos, a título de exemplificação podemos citar laços históricos, culturais, familiares e a necessidade que certos grupos têm em se locomover, aliás, até por conta das especificidades nômades de certos povos, por exemplo. Posto esta justificativa, eis que se pensou em fazer uma análise das emigrações em conjunto com outros fatores que possam ir além das tradicionais retóricas – socioeconômicos e essencialistas defendidas pelas teorias neoclássicas – alarmistas que simplificam este processo e restringem um debate muito mais amplo do que aparenta ser.

3 DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Como está explícito no tema deste projeto, ele vai se delimitar espacialmente ao território da república da Guiné-Bissau, um espaço profundamente marcado por alto fluxo do êxodo rural que em seu contorno mais sonante acaba assumindo o teor das movimentações externas – emigração – que segundo o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE-GB), no seu relatório de 2009 sobre a situação populacional naquele país, de 2004 aos meados de 2009, estima-se que 186.865 pessoas fizeram mobilidades para o exterior da Guiné-Bissau, sendo que em termos percentuais, este valor teve uma subida de 11 para 33% num intervalo de tempo de cinco anos, sendo 2009 o ano de maior acréscimo deste número. (INE-GB, 2009).

As análises destes dados estatísticos serão realizadas de modo a compreender as dinâmicas que ocorrem nas movimentações das massas populacionais causadas, segundo o INE-GB, em parte, pela instabilidade sociopolítica, pouco equilíbrio na distribuição das riquezas, enfim pela má execução das políticas públicas, neste sentido o mesmo estudo salienta que:

Perante esta situação os problemas económicos e sociais agravaram-se o que originou muitas movimentações, sobretudo das camadas mais desfavorecidas das populações do meio rural em direção aos centros urbanos em busca de melhores condições de vida, sem falar dos indivíduos que optaram pela emigração, quer por motivos políticos, quer por razões económicas. (INE-GB, 2009, p.11).

Em decorrência desse fato, nota-se que os vetores destas movimentações apontam no sentido de que existe uma elevada taxa de deslocamentos para o exterior do país, essencialmente para os países sub-regionais com exceção de Portugal com 24,8%, depois aparece o Senegal na ordem dos 22,6% e por último, fechando esta lista, está o Cabo-Verde com 20,1%, se posicionam como os principais destinos dos guineenses que emigram para fora do país, detalhou o mesmo estudo.

Com efeito, estes dados do contexto guineense, nos deixam próximos da confirmação da tendência inter-regional que a emigração africana tem tido, uma vez que “um pouco mais de metade (50,6%) de partidas foram para quatro países da CEDEAO, a saber: Senegal (22,6%), Cabo Verde (20,1%), Gâmbia (6,6%) e Guiné-Conacri (1,3%)”. (INE-GB, 2009, p.44-45). Como explicação para este fenômeno, os estudos do INE-GB (2009) e da CEDEAO, ICMPD e OIM (2016) sugerem que os acordos multilaterais que os estados membros da CEDEAO ratificaram, visando a livre circulação de pessoas, bens e serviços, aliados à abolição de certos vistos de entrada, contribuíram decisivamente para a fluidez das mobilidades entre estes países. Neste sentido, o INE-GB (2009, p.12) vai ainda mais além das explicações meramente simplistas e de viés econômico, reforçando que: “por outro lado, os laços étnicos e culturais que unem a maioria das etnias da Guiné-Bissau com as suas congêneres dos países vizinhos podem ser de fato elementos de forte contribuição no aumento do fluxo migratório”.

Por conta da inquietante realidade das questões ligadas à emigração e pela emergência deste debate no contexto nacional e transnacional traduzidos nestes dados, pensamos em problematizar isso e a partir daí desenvolver o presente projeto de pesquisa.

Importa lembrar que, por consequência, a Guiné-Bissau não fica fora da referida conjuntura; portanto, o monitoramento destes fluxos não depende só do estado guineense mas sim de outros condicionantes, inclusive a preocupação dos estados africanos quanto a criação de mecanismos incentivadores da permanência da sua força de trabalho majoritariamente jovem, citada na seção anterior deste trabalho, também constitui um desafio no cenário guineense na medida em que o censo geral da população realizada pela INE (2009), aponta que 70,0% dos emigrantes guineenses são jovens com faixa etária compreendida entre 15 e os 39 anos de idade.

Em seguida, o desafio fundamental do projeto neste aspecto será de procurar a formulação de uma explicação próxima da relação⁵ existente entre a posição do estado

⁵ No rácio entre ganhos e perdas da emigração para a Guiné-Bissau, vale explicitar que pretendemos apontar o que de benéfico e prejudicial este fenômeno cria para a sociedade e estado guineense. Neste sentido, o survey

guineense em meio aos sujeitos que fazem estas mobilidades, na tentativa de chegar à uma explicação próxima à compreensão do questionamento que irá orientar a execução desta pesquisa, ou seja: Quais fatores motivacionais explicam a emigração inter-regional no contexto guineense?

Em virtude dos fatos mencionados, uma das reflexões que vão auxiliar na formulação da compreensão para o questionamento levantado acima, encontra-se no desafio de pensar até que ponto o fenômeno das tradicionais redes emigratórias inter-regionais nos ajudam a explicar os impactos desta mobilidade na atual realidade guineense, tanto nos fatores de atração: contribuindo para a intensificação e multiplicação destas redes; quanto nos fatores de repulsa: onde as mais diversas situações no país-vizinho (local de origem) aliado aos condicionantes de flexibilização dos transportes, maior ou menor estabilidade e nível de porosidade transfronteiriça acabam tendo influência para aumentar ou diminuir este fluxo das emigrações inter-regionais.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as motivações da emigração guineense e suas transformações diante do cenário regional africano.

sobre políticas migratórias dá conta de alguns indicadores positivos causados pela emigração dos guineenses, nomeadamente quando cita um programa planejado pelo governo em parceria com Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que pretende envolver os emigrantes com níveis de qualificações elevados no desenvolvimento da Guiné-Bissau incentivando o retorno desses cidadãos para contribuir nos projetos de desenvolvimento no seu país de origem desmotivando a saída de guineenses qualificados; ainda este mesmo estudo realizado no espaço CEDEAO (2016, p.93) aponta que “O Banco Mundial estimou o montante das remessas de dinheiro enviadas para o país em 49 milhões de dólares americanos (USD) em 2013, o que corresponde a 5,1% do PIB.²²⁴ De acordo com Abreu (2012, p.175), incluindo as remessas enviadas informalmente, as remessas de dinheiro poderão totalizar até 14-16% do PIB”. Por sua vez, o estudo do INE-GB (2009) aponta alguns aspectos negativos que podem advir da emigração excessiva, nomeadamente se esta tendência de mobilidade em direção à Bissau e ao exterior do país continuar, poderá ocasionar, a médio e longo prazos, o crescimento descontrolado da densidade populacional da capital e consequentemente o despovoamento das outras regiões, para além de criar a escassez da força produtiva, também pode afetar a renovação da natalidade. Por isso torna-se urgente a implementação de políticas e planos de desenvolvimento regional com o objetivo de criar condições que possam proporcionar a retenção razoável dos residentes nativos nas respectivas regiões, mediante a disponibilização de infraestruturas económicas e sociais de maior acesso possível.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Compreender como operam os elementos históricos e sociopolíticos na emigração guineense;
- 2- Assinalar os impactos desta emigração nas famílias e na sociedade guineense;
- 3- Identificar os fatores que motivam este fenômeno, debatendo como as populações respondem a esses problemas.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Como se pode ver na exposição feita até aqui, entende-se que seja de extrema importância compreender como os elementos sociais e histórico-culturais, aliados as políticas públicas voltadas para a sociedade influenciam os deslocamentos das massas populacionais, tanto no interior, quanto no exterior do país, para posteriormente sugerir explicações de como se desenvolve a dinâmica emigratória da Guiné-Bissau. Para o efeito, se definiu como elementos a serem levados em conta, os seguintes:

O papel da conjuntura histórico-cultural e seu peso na construção do perfil dos emigrantes guineenses – motivação dos emigrantes; o poder público e seu exercício por meio da implementação das políticas públicas sociais e emigratórias – o papel do estado nesta conjuntura; e por fim, o terceiro elemento, referindo-me aqui ao fenômeno social emigração numa tentativa de compreender a forma como as pessoas respondem à suas causas, emigrando por que? Para onde? E de que forma?

Todos estes elementos serão objetos de análises por meio da utilização de teorias atuantes no campo da Sociologia das migrações – disciplina que compreende as produções interdisciplinares de um vasto repertório teórico e empírico que os diversos campos das Ciências Sociais foram acumulando ao longo dos tempos, (PEIXOTO, 2004). A partir de um olhar crítico face as teorias clássicas como as socioeconômicas, do sistema-mundo entre vários outros, pretendemos, em seguida, utilizando um viés apoiado na pós-colonialismo, debater até que ponto as bibliografias clássicas, influentes nos estudos da Sociologia das migrações, conseguem explicar este fenômeno na Guiné-Bissau, ou se realmente são aplicáveis ao contexto que propomos analisar.

O pós-colonialismo constituiu um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos literários e culturais, mas hoje presentes em todas as Ciências

Sociais, que têm em comum a valorização de saberes não hegemônicos que provém dos países periféricos, dando primazia teórica e política as relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Daí o interesse desta perspectiva pela geopolítica do conhecimento, ou seja, por problematizar quem produz o conhecimento, em que contexto o produz e para quem o produz. (Vide Boaventura de Souza Santos. In: *Travessias* 6/7, 2008).

Em síntese, e considerando nossa proposta de contributo epistemológico, entende-se que as linhas teóricas pós-coloniais trarão mais contribuições à nossa pesquisa justamente por serem críticos e questionadores das perspectivas clássicas tidas como já estabelecidas.

5.1 OS CONCEITOS E TEORIAS: DAS CLÁSSICAS À NEOCLÁSSICAS, PASSANDO PELOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

Dentro do campo de estudo da Sociologia das migrações existem três conceitos fundamentais a respeito dos quais podem existir alguma falta de clarividência, sendo assim, importa rever brevemente as definições destes conceitos.

Pelas considerações da Rocha-Trindade (1995), citada pelo Guimarães Jarsen (2010), emigração designa a saída de alguém com duração temporal relativamente prolongada e significa deixar a pátria ou local de nascença própria para se fixar em localidade ou país estrangeiro, sendo que aquele que entra no país de destino, portanto saindo de fora para dentro, é tido como imigrante. Assim, um mesmo indivíduo recebe a denominação de emigrante e imigrante. Deste modo, o processo da mobilidade que caracteriza as entradas e saídas das pessoas (emigrações e imigrações) é conhecido como migrações.

Como se tem demonstrado desde o início deste trabalho, nos focaremos exclusivamente no caso da emigração guineense e sua inserção no contexto regional incluindo seus fatores de atração e de repulsão.

Num primeiro momento, as contribuições acerca dos debates ligados as emigrações surgiram nos estudos de Ravenstein (1876, 1885), com estabelecimento de “As leis das migrações” na qual fala dos fatores de repulsão-atração⁶ explicando o fenómeno migratório com base na decisão tomada pelos migrantes face à influência de fatores repulsivos existentes no local de origem, destacando-se os de ordem económica, como a escassez de terras, desemprego, baixos salários, pressão demográfica, crises agrícolas e etc. que influenciariam a

⁶ Push-Pull, do original em inglês.

saída desse espaço. A escolha do local de destino estaria condicionada pelos seus fatores atrativos, motivando a fixação dos migrantes, condições essas que podiam ser de várias ordens, salientando-se o dinamismo económico das áreas urbanas de destino face às áreas rurais de partida e também numa possibilidade de existir um aumento de prosperidade na vida. (ROCHA-TRINDADE, 1995, p.73, apud VELEZ DE CASTRO, 2010; GUIMARÃES, 2010).

Na contemporaneidade, a Almeida e Rosenfield (2018) indicam que podemos considerar o princípio do século XX como marco introdutório das questões migratórias na agenda das Ciências Sociais com o clássico e pioneiro estudo sobre migrantes e camponeses poloneses publicado em cinco volumes (1918 e 1920) realizado por William I. Thomas e Florian Znanieck (2012).

Posteriormente, surgiram mais estudos de diversas áreas que prosseguiram as discussões deste assunto na medida em que as migrações é um fenómeno transversal que esteve ligada ao ser humano desde sua existência, daí a explicação da interdisciplinaridade dos seus estudos, como demonstram Monsma e Truzzi (2018, p.19), “Migrações constituem um dos campos mais abordados e compartilhados por tradições disciplinares distintas. Sociologia, antropologia, ciência política, demografia, economia, história.”

Retomando o debate acerca das teorias, podemos considerar que elas estão divididas em dois grandes grupos, como foi exposto pelo Peixoto (2004), as Microsociologias – apoiada nas teses weberianas, esta teoria dá mais ênfase ao papel do sujeito como autor principal para fazer as leituras e decidir sobre sua mobilidade; ao passo que as teorias Macrossociológicas – privilegia suas análises no impacto que os fatores coletivos podem exercer na decisão de um agente social migrar ou não, por conta disso o autor salienta que as influências da escola durkheimiana são mais usadas aqui.

Perante esta dualidade teórica, veremos em seguida como elas estão distribuídas pelas seguintes áreas:

Econômicas: estas teorias albergam operadores como: repulsão-atração, capital humano, mercado de trabalho, e sistema mundo.

Sociológicas: aqui se enquadram os fatores de ciclo de vida, trajetória social, instituições, redes migratórias, laços étnicos e sociais.

Mediante o exposto até aqui, nota-se que quando são identificadas as causas das mobilidades, as teorias neoclássicas, principalmente as do viés económico, tendem a dar mais atenção aos aspectos financeiros, materiais, nomeadamente desemprego, crises económicas e etc. como motivadores das emigrações. Daí que surgem as principais críticas em relação a

esta tese, como se pode ver nas contribuições da Patarra (2006), para ela as novas modalidades e particularidades migratórias que certos casos demandam já não conseguem ser atendidas por aquelas teorias acima citadas e por isso a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o conhecimento e o entendimento das migrações, sendo que a incorporação de novas dimensões explicativas torna-se imprescindível, assim como a própria definição do fenômeno migratório deve ser revista.

Em decorrência destes argumentos, pretendemos introduzir um debate crítico com embasamento nos pensamentos pós-coloniais por conta da necessidade de uma análise mais atenta aos condicionantes estruturais que vão desde os elementos históricos, religiosos, culturais que por sua vez se desenvolvem em outras redes e possibilidades que podem servir de motivação para quem decide emigrar.

Seguindo a lógica deste pensamento, pretende-se evidenciar, mais uma vez, as lacunas que as teorias neoclássicas demonstram ao fazerem uma abordagem à nível das estruturas socioculturais presentes nos processos migratórios que fogem do padrão da procura pelos polos de desenvolvimento, como é o caso da emigração inter-regional guineense. Como já havíamos argumentado antes, nomeadamente na seção da justificativa do presente trabalho, na oportunidade citamos que as retóricas alarmistas tendem a categorizar todos os movimentos migratórios como sendo essencialmente motivados por questões econômicas.

Em uma perspectiva contrária, as abordagens pós-coloniais vão colocar as teses do viés essencialmente econômica em dúvida, ao trazerem para o debate um conjunto de elementos que também podem fornecer explicações para este fenômeno, a título de exemplo cabe citar as categorias da raça, classe, religião, cultura, identidade, tradição e etc. Assim, a partir dos estudos das migrações circulares, o Cortes (2009) aponta para o caráter de idas e vindas entre países limítrofes como sendo um traço inerente à este tipo de migrações que, igualmente, tem marcado muito as mobilidades migratórias inter-regionais no contexto guineense em conexão com as regiões circunvizinhas da sub-região Oeste africana, cujos sujeitos tenham, na maioria dos casos, laços familiares nos países de destino e isto acaba criando relações sociais transnacionais.

Em síntese, a principal contribuição que se espera alcançar no campo teórico, consiste, primeiro, em fornecer elementos novos que possam contribuir nos debates do campo de estudo das migrações na Guiné-Bissau, e por outro lado, formular questões que ajudarão a questionar até que ponto as bibliografias neoclássicas, influentes nos estudos da Sociologia das migrações, conseguem explicar este fenômeno social no caso da Guiné-Bissau, indicando as suas insuficiências, ou se realmente são aplicáveis ao contexto que propomos analisar.

6 METODOLOGIA

Para a elaboração deste projeto de pesquisa utilizaremos a pesquisa qualitativa. Sendo que a opção pela utilização deste método justifica-se pela razão de termos como objetivo a compreensão das causas que motivam os emigrantes guineenses. Aliado ao método qualitativo, também nos serviremos da pesquisa bibliográfica e documental sobre a emigração na Guiné-Bissau, a partir da qual buscaremos um aprofundamento sobre o assunto em artigos, monografias, dissertações, teses, livros, dados institucionais de entidades que trabalham com a temática e entre outros.

Partindo deste ponto, entende-se que será necessário um amplo diálogo com as produções acadêmicas anteriores a esta; tais como: dados estatísticos, documentos e outras formas de levantamento empírico de informações. Sem, no entanto, dispensar a análise e utilização de informações de caráter quantitativo, aqui, debatidos em caráter de fontes secundárias, como: dados resultantes de estudos, censos das deslocações e constituição populacional entre outros tipos de levantamentos de informações acerca do fluxo emigratório guineense.

Por se tratar de um tema pouco trabalhado e divulgado na realidade guineense, entendeu-se que uma abordagem da pesquisa exploratória no seio destes emigrantes guineenses será eficaz para se ter noções mais concretas dos assuntos a serem debatidos, descrevendo estes dados e materiais encontrados no campo de buscas, de modo a formular explicações por meio de relações e cruzamento destas informações. Deste modo, pretende-se compreender as relações de causa e efeito que afetam as dinâmicas existentes entre políticas públicas, populações e emigrações.

Quanto ao método da coleta e análise de informações, vai se dar mais ênfase a uma abordagem indutiva, visto que ela se configura como importante para o desenvolvimento desta pesquisa, na medida que não dispomos de muitos materiais que abordaram o fenômeno emigratório na Guiné-Bissau em específico, sem contar que nossa proposta se fundamenta em questionar as teorias dominantes desta área. Daí que optaremos por uma interpretação do particular – caso guineense – para o geral – campo do estudo das migrações, onde pretendemos aportar novas contribuições para o debate – tudo isto sem, no entanto, fugir do esforço que pretendemos empreender para termos uma pesquisa com interpretação endógena desta realidade.

Portanto, é nesta perspectiva que a pesquisa visa se desenvolver, dando uma atenção especial aos dados que mostram um acréscimo exponencial da emigração da população

guineense, resultando numa complementaridade das lacunas que sentimos no campo de estudo dos processos emigratórios na Guiné-Bissau. Sendo assim, as análises quali-quanti serão essenciais porque, por um lado, as leituras qualitativas fornecerão as variáveis comportamentais, motivacionais e também vão ajudar em traçar o perfil dos emigrantes e por outro, as perspectivas quantitativas contribuirão na produção e sistematização dos resultados vindos de entrevistas que poderão ser realizadas por nós e análise das informações estatísticas produzidas por instituições que trabalham com as migrações e dos aspectos numéricos inerentes aos grupos estudados permitindo desta forma a formulação de hipóteses que nos levem a identificação das causas próximas deste fenómeno na realidade guineense.

7 HIPÓTESES

H1: Considerando as premissas trazidas nas seções da apresentação e definição do problema deste trabalho, podemos trazer a hipotética afirmação de que o estado guineense é um dos atores que mais contribuem para este fluxo emigratório no contexto nacional, na medida em que a falta de certas garantias sociais motiva as mobilidades ao mesmo tempo que reforçam a criação das redes socioculturais.

H2: A migração inter-regional guineense, majoritariamente de jovens, tem como motivação as questões socioeconômicas e isto, conseqüentemente, cria a ampliação da diáspora guineense o que, certamente, dá razão a tese das motivações criadas por laços familiares e socioculturais, ou seja, constituiu-se as redes diaspóricas. Daí que surge a formulação de outra hipótese que aponta para existência de novos motivadores que colocam em dúvida a interpretação neoclássica para a dinâmica migratória guineense.

8 CRONOGRAMA

**Quadro 1 - Cronograma para execução do presente projeto de pesquisa:
pré-projeto, projeto, monografia e afins, do 1º ao 2º ciclo do curso**

PERÍODO  ETAPAS 	1º sem. do BIH	2º sem. do BIH	3º sem. do BIH	4º sem. do BIH	1º sem. da term.	2º sem. da term.	3º sem. da term.	4º sem. da term.	5º sem. da term.	6º sem. da term.	7º sem. da term.	8º sem. da term.
Escolha do tema	X	X										
Levantamento bibliográfico	X	X	X									
Elaboração do anteprojeto		X	X									
Elaboração do projeto			X	X								
Apresentação do projeto				X								
Produção de um artigo científico					X							
Coleta de dados						X						
Análise dos dados							X					
Organização do roteiro/partes								X				
Redação do trabalho									X	X	X	
Revisão e redação final												X
Entrega/defesa da monografia												X

❖ Legendas do quadro: **sem. do BIH:** semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades; **sem. da term:** semestre da terminalidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alexandre. Migração e diferenciação de classes na Guiné-Bissau rural. In: **e-cadernos do CES**; nº 15, 2012. Disponível em: <<http://eces.revues.org/955>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- ALMEIDA, Jalcione; ROSENFELD, Cinara L. A Sociologia e as migrações (editorial). In: **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 9-15, set-dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222018000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023-14724**: Manual ABNT: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos. 4. ed. São Paulo: Fecap-biblioteca Paulo Ernesto Tolle, 2014. 101 p.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007. 422 p. Disponível na biblioteca da UNILAB, campus dos Malês SFC-BA. Consultado em: 01 jul. 2019.
- BACCHI, Alessia; DEVILLARD, Alexandre; NOACK, Marion. **Estudo sobre as políticas de migração na África Ocidental**. Encomendado por: Agência Suíça para o Desenvolvimento e a Cooperação; Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO); Centro Internacional para o Desenvolvimento de Políticas Migratórias (ICMPD); Organização Internacional para as Migrações (OIM). 2. ed. Áustria, Druckerei DGS Wien, jan. de 2016. Disponível em: <https://fmmwestafrica.org/wp-content/uploads/2017/02/pt-A_Survey_on_Migration_Policies_in_West_Africa_PO_SOFT2nd.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- Capitania-Geral**. In: DICIONÁRIO Sensagent [online]. Disponível em: <<http://dicionario.sensagent.com/capitania-geral/pt-pt/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CORTES, G. Migraciones, contrucciones transnacionales y prácticas de circulación: un enfoque desde el territorio. **Revista Parágrafos Geográficos**, Comodoro Rivadavia, v. 8, n. 1, p. 35-53, 2009.
- COUTINHO, Ângela. **As trajetórias dos fundadores do PAIGC (1923-1960)**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CABO VERDE E GUINÉ-BISSAU: PERCURSOS DO SABER E DA CIÊNCIA Lisboa, 21-23 de jun. de 2012. Disponível em: <<https://coloquiocvgb.files.wordpress.com/2013/06/p03c02-angela-coutinho.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- ELIBIO JR., Antonio Manoel; VITORINO, Juliana Mércia Guilherme; LIMA, Marcos Ferreira da Costa. “‘Un corazón de tierra que late acelerado’: Migrações internacionais na contemporaneidade e as teorias pós-coloniais”. In: **Revista de Estudos Internacionais**, vol. 8, n. 03, p. 35-63, 2017. Disponível em: <<http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/339/339>>. Acesso em: 22 maio 2019.

FERNANDES, Santos. **As lideranças na Guiné-Bissau: avanços e recuos**. 1. ed. Lisboa, Chiado Editora, 2017.

GUIMARÃES, Jarsen Luis Castro. Abordagens teóricas sobre migrações. In: **WebArtigos**. Set. de 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/abordagens-teoricas-sobre-migracoes/47805>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE-GB). **Migrações**. In: Terceiro recenseamento geral da população e habitação de 2009. Bissau, 2009. Disponível em: <<https://dataspace.princeton.edu/jspui/bitstream/88435/dsp01w6634600z/2/DSPACEGuineaBissaucensus2008migration.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

HIERRO, Lola. **A maioria dos africanos não migra para onde você (talvez) pense**. El País, Madrid, 16 de jan. de 2018. In: Estudo da ONU-FAO; CIRAD, “África em movimento: Dinâmica e motores de migração ao sul do Saara”. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2018/01/11/planeta_futuro/1515674435_555866.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LARANJEIRO, Catarina. **Amílcar Cabral: o que foi e o que dele faremos**. In: *Mestres Do Mundo*, Trabalho final do Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva. CES, Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal, fev. 2014. Disponível em: <http://alice.ces.uc.pt/en/wp-content/uploads/2014/03/Mestres_do_Mundo_Amilcar_Cabral2.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

LIMA, A. K. **Migração e subjetividade: Uma revisão de literatura sobre o processo migratório e suas implicações psicossociais**. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE E FRONTEIRAS. 2012, Boa Vista. Disponível em: <<http://ufrr.br/ppgsof/index.php/component/phocadownload/category/4-anais-comunicacao.html?download=111:012>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LUÍS Graça & Camaradas da Guiné. **Mapa da Província da Guiné**. 28 de nov. de 2014; Lisboa: Livraria Franco, 1960. Escala 1:2.000.000. Disponível em: <<https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2014/11/guine-6374-p13954-recordacoes-de-uma.html>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017. 346 p. Disponível na biblioteca da UNILAB, campus dos Malês SFC-BA. Consultado em: 22 jul. 2019.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente (apresentação do dossiê). In: **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 18-23, set-dez. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v20n49/1807-0337-soc-20-49-18.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, ago. de 2006. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2019.

PEIXOTO, João. "As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas". Editora: Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) – SOCIUS. Lisboa, nº 11/2004. Disponível em:

<<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

POPULAÇÃO da Guiné-Bissau. Country Meters. In: ONU – Perspectivas da população mundial 2019. 21 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau>> Acesso em: 22 jun. 2019.

ROCHA, Eufémia Vicente. Migração na África Ocidental e Cabo-Verde: uma relação recente? In: **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 49, núm. 1, jan.-abr. 2013, p. 12-19.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Brasil. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93826318006>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SIA, Isna Gabriel. **Danças do povo Brasa (Balanta) da Guiné-Bissau na contemporaneidade**: Kussunde, Kanta Po e Broska. 1. ed. Beau-Bassin, Maurícia: Novas Edições Acadêmicas, 2017. Disponível na biblioteca da UNILAB, campus dos Malês SFC-BA. Consultado em: 01 jul. 2019.

UNIÃO AFRICANA (UA) página inicial. **Carta da juventude africana**. 2 jul. 2006.

Disponível em: <<https://au.int/en/treaties/1168>> Acessado em: 23 de jun. 2019.

UNIOGBIS. **Mapa oficial da Guiné-Bissau**. Bissau: Departamento de Suporte de Campo/ Secção Cartográfica, jun. de 2012. Escala: Ver figura – 1. Disponível em:

<<https://uniogbis.unmissions.org/perfil-do-pa%C3%ADs>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

VELEZ DE CASTRO, Fátima. **Os migrantes e o (s) território (s)**. Na busca pela segurança ontológica. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES. Faro, Portugal, 2010. 35 p. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/cegot/pdfs/fatima5>> Acesso em: 26 jun. 2019.